

AURÉLIA CAMARGO E ELIZABETH BENNET: UM DIÁLOGO ENTRE PROTAGONISTAS FEMININAS DE JOSÉ DE ALENCAR & JANE AUSTEN

Amilcar Figueiroa Peres dos SANTOS

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

EE Madre Carmelita (SEE-MG)
amillcar@gmail.com

Resumo: protagonistas femininas com firmeza de opinião, condição socioeconômica adversa e muita sagacidade para conduzir o destino – tanto pessoal, quanto dos que estão à sua volta. Estes são os fatores que criam uma intercessão entre essas duas personagens, que pertencem a realidades tão distintas, mas que têm tanto em comum. Por um lado, o romance *Senhora*, de José de Alencar, foi publicado em 1875, em forma de folhetim e tem na personagem Aurélia Camargo sua protagonista, enquanto *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, é de 1813, comemora 200 anos de sua publicação e tem na jovem Elizabeth Bennet a protagonista que pode salvar a propriedade que pertence a sua família. O objetivo principal é apresentá-las como heroínas de um mundo burguês, predominantemente masculino, com força e feminilidade para manter as personagens masculinas apenas orbitando à sombra delas, mas também auxiliando na descrição do panorama social, das condutas e dos comportamentos típicos do século XIX, momento histórico em que estão inseridos. Os autores que amparam o estudo do enredo, do contexto socio-histórico e da construção das personagens são Anatol Rosenfeld, Antônio Candido, Edward Forster, Samira Mesquita e as teorias de Georg Lukács e Nelly Richard. As duas obras apresentam um peculiar painel das relações rompendo com as expectativas em relação aos comportamentos de homens e mulheres, bem como enfatizando determinadas práticas de aproveitadores, numa espécie de “denúncia” suavizada pelo enredo terno e que transita do romântico ao realista. O propósito é oferecer mais uma contribuição para a teoria literária, com um diálogo entre um autor brasileiro e uma autora inglesa, um olhar crítico a respeito dos costumes e apresentar o caráter transgressor destas obras que apresentam uma inversão na organização hierárquica da sociedade do século XIX.

Palavras-chave: protagonistas femininas; panorama sócio-histórico; José de Alencar e Jane Austen, Comportamentos típicos do séc. XIX.

1 – Introdução

Duas jovens personagens dos romances de *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, e *Senhora*, de José de Alencar, ambos do século XIX, sendo, uma inglesa e outra brasileira, protagonizam papéis emblemáticos e fortes, que mostram, quase num tom de denúncia, a prática social dos casamentos arranjados da época. Assim, o subgênero do romance, chamado de romance histórico apresenta diversos comportamentos e sentimentos

nacionais, de acordo com Georg Lukács, assim como mantém grande ligação com o contexto do período de sua produção e mostra uma “descrição” de costumes e práticas que contribuem para o entendimento da sociedade da época à qual se vincula.

Diante disso, o presente trabalho desenvolveu uma análise, comparando as representações femininas de duas protagonistas: Elizabeth Bennet, de *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, com Aurélia Camargo, de *Senhora*, de José de Alencar, com o objetivo de mostrar elementos que explicam o papel de destaque das duas jovens mulheres protagonistas, bem como elementos que aproximam e distanciam as duas obras que têm no olhar feminino seu eixo condutor.

Assim, o romance da autora inglesa, de 1813, completou 200, enquanto a obra do brasileiro data de 1875 e completou 138 anos, mas apesar de as duas obras e seus autores estarem em contextos bastante diferentes, há muito em comum ligando as duas protagonistas.

2 – Autores e obras

Ao estudar um texto literário, torna-se necessário compreender suas condições de produção, bem como a realidade de seus autores. Desta forma, temos de um lado uma autora inglesa que era filha de um religioso e morava numa casa com uma irmã e quatro irmãos. Seu pai era um reverendo que completava a renda familiar mantendo uma “escola” (dando aulas particulares) nos cômodos da casa onde morava, por isso tinha uma vida bem simples.

Jane Austen viveu na Inglaterra austera e aristocrática do Rei George III, na primeira metade do século XIX, teve pouco estudo formal, mas conseguiu adquirir muitos conhecimentos porque tinha muitas leituras devido ao acesso à biblioteca de seu pai. Quando adulta, teve uma vida regrada porque se recusou aceitar a um casamento “adequado”, isto é, marcado pela conveniência e preocupado com uma vida mais tranquila – uma vez que o casamento possibilitaria e ela ter mais bens, conforto e direito à sua parte da herança do pai, conforme era prática comum na Inglaterra daquele tempo.

Desta forma, Jane Austen permaneceu solteira ao longo de toda vida e, com essa postura, viveu com uma situação financeira bastante adversa e marcada pela dependência financeira, ficando sob os cuidados dos irmãos, após a morte do pai.

Por outro lado, José de Alencar era filho de um senador do império, por isso tinha uma vida bastante abastada, conheceu alguns lugares no Brasil e foi criado com conforto e tranquilidade. Diante disso, conseguiu ter a chance de estudar e cursou Direito – mas não exerceu a profissão, optando por trabalhar nos jornais da época e constituir família, casando-se e teve um filho.

Alencar foi um autor brasileiro que se viveu no Brasil Colonial do final do império de Dom Pedro II, na segunda metade do mesmo século XIX e com pequeno distanciamento temporal da autora inglesa. No entanto, as práticas sociais da época dos dois autores são muito próximas, inclusive, e principalmente, em relação ao casamento – seja este, uma união de famílias detentoras de terras, posses e/ou títulos nobiliárquicos do Reino Unido,

seja a união de famílias pertencentes à ascendente burguesia carioca. O que realmente importava era a união de um casal baseada no interesse financeiro.

As duas obras estudadas apresentam um peculiar painel das relações sociais e econômicas, bem como descrevem comportamentos típicos, rompendo com as expectativas do leitor em relação às atitudes de homens e mulheres, e enfatizam determinadas práticas, como a de aproveitadores que escolhiam moças rotuladas de “bons partidos”, porque estavam preocupados apenas com o dote que receberiam, ou com as posses que seriam herdadas a partir de os casamentos arranjados. Tudo isso funcionando como uma espécie de “denúncia” suavizada por um enredo terno e envolvente, característico do século XIX, que apresenta um romantismo em primeiro plano, mas em suas ironias e críticas aos costumes da época, mostra evidentes marcas de Realismo.

Assim, o propósito deste trabalho é oferecer mais uma contribuição para a teoria literária, com um diálogo entre um autor brasileiro do Romantismo, que nos oferece uma obra pré-realista, e uma autora inglesa realista, que ainda apresenta resquícios de romantismo – ambos com um olhar crítico a respeito dos costumes e com obras que têm um caráter transgressor, uma vez que mexem e invertem a organização hierárquica de gênero dos protagonistas, oferecendo a duas jovens mulheres da sociedade do século XIX, voz e vez para escancarar críticas em relação ao casamento arranjado e sem amor.

3 – Definições para análise das obras

Este estudo das protagonistas precisa de alguns esclarecimentos antes de ser aprofundado. O primeiro é a respeito das obras estudadas, porque as adaptações para cinema, seriados e minisséries foram desconsideradas, uma vez que as atuações e os recortes dos diretores e roteiristas poderiam comprometer a análise. Diante disso, no trabalho com *Orgulho e Preconceito*, a obra literária estudada foi a 1ª edição da Editora Landmark, publicada em 2008, com 400 páginas, porque é uma edição bilíngue e permitia a consulta ao texto original imediatamente

Por outro lado, o estudo da obra *Senhora*, foi feito com a 6ª Edição, publicada pela Editora Ática, em 1975, com 189 páginas, integrando a coleção Série Bom Livro, porque é uma edição tipicamente escolar, que contém algumas notas de rodapé, mas não tem informações extremamente detalhes ou estudos aprofundados que interfeririam na leitura da obra.

O segundo, está relacionado conceito e às características de “personagem”, uma vez que Mesquita (1994) define que:

Personagem *dramatis personae*, agente (actante), sujeito do enunciado. Modernamente, há a recusa de conceber a personagem como pessoa (character, em Forster), como ser, preferindo-se considerá-la como um participante, agente ou paciente, na ação.

e, Antonio Cândido afirma que:

a personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No

entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (CANDIDO, et. al)

Com o objetivo de deixar bem claro o conceito escolhido, neste trabalho optamos por uma definição híbrida que tem na personagem um “participante na ação”, que mantém uma “verossimilhança diretamente ligada à verdade existencial e à concretização do ser fictício”, ainda que não tenha vida ou existência.

O terceiro, é a respeito das características das personagens, uma vez que seguiremos as definições de Massaud Moisés, Edward Forster e Antônio Candido, porque os teóricos citados têm classificação muito próxima e que dividem as características das personagens em dois grupos distintos

Pelo ponto de vista dos conflitos desencadeadores de ação, as personagens podem ser classificadas como: protagonistas, ou principais; deuteragonistas, ou secundários; e / ou antagonistas, ou antagonônicos, de acordo com o grau de importância e de drama de seu enredo na trama.

As personagens também devem ser classificadas, independentemente de sua importância ou envolvimento na trama principal, podendo ser:

planas ou *flat characters*, são aquelas que apresentam uma característica bidimensional, são rasas, estáticas, têm um defeito, ou uma característica evidenciado, e não apresentam profundidade psicológica e tendem a ser estáticas, sem mudanças na personalidade, ao longo da narrativa. Essas personagens também costumam ser chamadas de tipos ou caricaturas e, geralmente, são construídas de fora para dentro, dependendo do meio, do ambiente social para se constituírem.

redondas, esféricas, ou *round characters*, são aquelas que têm três dimensões, maior complexidade, ação e profundidade e oferecem ao leitor um desenvolvimento irregular, porque são capazes de mudanças, por isso conseguem surpreender o leitor, trazendo o deleite pela imprevisibilidade da vida desenvolvida ao longo do enredo. Essas personagens costumam ser um símbolo de uma possibilidade humana, tal o grau de realidade que demonstram e desta forma, tendem a ser construídas de dentro para fora, dependendo de impulsos interiores e mostrando-se singular e inconfundível.

Diante do exposto, é preciso definir que neste estudo o nosso foco são Aurélia Camargo, de *Senhora*, de José de Alencar, e Elizabeth Bennet, de *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, e que as duas personagens devem ser classificadas como protagonistas e redondas / esféricas, conforme ficará mais detalhado a seguir.

4 – Enredo das obras estudadas

O estudo de obras literárias voltado para a percepção da importância mulher é antigo, assim como o é a descrição de sociedades e de práticas sociais. Eva, Sherazade, Cleópatra,

Joana Dar'c e Capitu são alguns exemplos de potentes e inesquecíveis femininas. Neste trabalho o objetivo principal será direcionado para dois enfoques: o protagonismo de Elizabeth Bennet e de Aurélia Camargo e o casamento arranjado, contra o qual as duas lutam.

É importante destacar o olhar contemporâneo sobre as obras estudadas é o que permite avaliar e valorizar com o devido destaque as representações femininas, sobretudo quando se consegue perceber isso com obras que jogam holofote em personagens femininas que protagonizam romances, em um tempo e uma sociedade, que era absolutamente patriarcal e machista. Essa inclusive é

“a explicação de porque o feminismo é prioritário para as mulheres e porque as mulheres são prioritárias para o feminismo (dizer “prioritário” não é “exclusivo”, nem menos ainda “excludente”) tem obviamente a ver com o fato de que, ao serem elas as que se inserem mais desfavoravelmente nas estruturas sociais e culturais, a tarefa crítica de desorganizar e reinventar signos da cultura, desde um ponto de vista não hegemônico, é mais vital e decisiva para elas que para aqueles que, apesar de tudo, continuam se beneficiando dos privilégios de autoridade da própria cultura que criticam. (Richard, 2002 pág. 161)

Isso ocorre, sobretudo em *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, que merece destaque, porque a autora é uma mulher e descreve as barreiras e imposições sofridas pelas mulheres de seu tempo,

Ao analisar as duas obras, elas apresentam um painel das relações sociais e dos costumes (divertimentos, passatempos, jogos, etc.) de seu tempo, mas o principal tema abordado é o casamento baseado no interesse financeiro, seja entre aristocratas latifundiários, seja entre membros da burguesia da Corte. A forma crítica como os autores tratam do assunto deixa claro o tom Realista de *Orgulho e Preconceito* e o tom pré-realista, ou, precursor do Realismo, em *Senhora*.

Assim, o eixo central das obras pode ser descrito como a redenção e a integração social por meio do casamento, seja entre nobres da aristocracia inglesa, seja entre burgueses cariocas está presente nas duas obras e mostram a força das duas personagens em resistir ao arranjo financeiro, em detrimento do sentimento que deveria ser o pilar da união entre os casais.

No caso de Austen, seu romance é uma comédia de costumes e mais um dos textos que abordam as condições de opressão e limitação femininas, enquanto em Alencar temos uma das obras que compõem os seus “*perfis de mulher*”, mostrando o papel delas dentro da sociedade colonial. Para A autora inglesa, é muito importante destacar o desespero de Mrs. Bennet para casar uma das filhas – preferencialmente Jane, a mais velha, porque isso seria a garantia de um futuro mais tranquilo para a família. Já para o autor brasileiro, a veemente crítica ao “dote” pago aos homens que se vendem, fica evidente.

5 – Aprofundando o estudo das protagonistas

Tanto Aurélia Camargo, quanto Elizabeth Bennet, são protagonistas que assumem um papel fundamental no desenvolvimento de seus respectivos enredos, porque ambas têm sua narrativa iniciada em um contexto adverso. Elas protagonizam uma importante reação aos costumes, no caso de Aurélia, ao casamento “comprando” um marido e no caso de Elizabeth, libertando-se da obrigação de se casar com Mr. Collins, o primo de seu pai e herdeiro natural da propriedade dos Bennet.

Por tudo isso elas fogem dos comportamentos típicos da época, se apresentando como são duas jovens firmes, decididas, que não ficam levando a vida como expectadoras, ao contrário, tomam o controle do próprio destino, são atuantes, fortes, mas não perdem a doçura e a sensibilidade tão típicas da época em que foram criadas.

Enquanto Aurélia se mostra como uma estrela que raiou no céu fluminense, Elizabeth não se apresenta como uma beldade, mas ambas serão lembradas, ao longo do desenvolvimento da narrativa, principalmente por sua argúcia e perspicácia, pelo raciocínio rápido e pela sensibilidade humana. As relações que elas estabelecem são importantes de merecem destaque.

5.1 – Elizabeth Bennet e suas relações

Elizabeth Bennet é uma garota de rara beleza, inteligência e vigor, tem olhos escuros e expressivos, assim como se mostra sempre alegre, tranquila e leve. É a segunda filha de Mr. e Mrs. Bennet e vive com os pais e suas irmãs, Jane, Mary e Lydia e Kitty, na propriedade rural da família. É uma personagem protagonista e esférica. Sua relação com os familiares é a seguinte:

O pai, Mr. Bennet, não teve filhos, mas vê na esperteza, na firmeza de opinião, na determinação e na racionalidade de Elizabeth uma grande identificação, por isso a tem como filha predileta. É uma personagem plana, coadjuvante ou secundária.

A mãe, Mrs Bennet, é uma personagem coadjuvante ou secundária e plana, que vê em Elizabeth uma garota tola e cheia de sonhos, sem foco para o que acredita ser importante: um bom casamento. A mãe mostra “desesperada” para casar as filhas, porque sabe que poderá perder sua propriedade, uma vez a prática da transmissão de herança, na Inglaterra do século XIX obrigava os bens a ir para um varão, caso os pais da família não tivessem um filho, ou um genro, tudo iria para o parente homem mais próximo, neste caso, Mr. Collins.

A irmã mais velha, Jane, é uma jovem bela e sonhadora, que mantém com a irmã um laço de proximidade profundo, chegando a confidenciar seus sentimentos e sua intimidade. Apaixona-se pelo jovem Charles Bingley, que é um jovem cavalheiro bem apessoado, com semblante agradável, modos naturais e simples, animado, simpático, inteligente, bom dançarino, sensível, bem-humorado e espirituoso e tem o papel de coprotagonista do romance. Ambos se mostram personagens planas, coadjuvantes ou secundárias.

As outras irmãs são muito mais novas e, devido à diferença de idade, não têm grande proximidade com Elizabeth e são personagens planas, coadjuvantes ou secundárias.

Portanto, Elizabeth Bennet é uma personagem com características pessoais, físicas e comportamentais marcantes, que acentuam sua personalidade forte, assumindo a classificação de redonda, porque apresenta um perfil complexo, com diferentes traços, mudanças de atitudes, algumas contradições e imprevisibilidade, sempre surpreendendo o leitor.

5.2 – Elizabeth e seu amado

Mr. Fitzwillian Darcy: é o protagonista masculino e par romântico de Elizabeth Bennet. Tem opinião firme e sabe o poder que o dinheiro e a família nobre têm. Por isso anda muito arredio, evitando um casamento com alguém abaixo do seu nível de nobreza e é exigente em relação às moças prendadas (pág. 44). É um nobre inteligente, bonito e vaidoso (pág. 64 e 92). Apesar disso, sua timidez será confundida com arrogância e, aos poucos, perceberá a importância do amor que sente por Elizabeth Bennet. Enfim, é uma personagem com características pessoais, físicas e comportamentais marcantes, que acentuam sua posição social, e do tipo redonda, porque apresenta um perfil complexo, com diferentes traços, mudanças de atitudes, algumas contradições e imprevisibilidade, buscando surpreender o leitor.

5.3 – Aurélia Camargo e suas relações

Aurélia Camargo é uma mulher idealizada, na condição de personagem símbolo, é descrita como “deusa dos bailes; musa dos poetas e ídolo dos noivos em disponibilidade” (Alencar, pág. 13). No entanto, ela se diferencia das demais jovens da época, porque mantém uma opinião firme e determinada a respeito do casamento por amor e é contra o casamento por interesse – opondo-se ao *status quo* estabelecido. Apesar de ser órfão, à época de sua participação nos bailes cariocas, teve boa educação e demonstrava elegância, coragem e delicadeza. Ela vivia à sombra, mas não sob o jogo, de D. Firmina Mascarenhas e do Sr. Lemos. Aurélia é uma personagem protagonista e esférica. Mas antes de tratar deles, é preciso apresentar a família dela.

O pai de Aurélia, Pedro Camargo, não participa do romance, mas tem função importante. É filho de Lourenço Camargo, um rico fazendeiro do interior de São Paulo, um senhor sério e severo, que instigava temor em Pedro. Ao seguir o coração e se casar com D. Emília, mãe de Aurélia, deixa o pai sem informações de seu paradeiro e quando morre, deixa a família em situação financeira difícil. É uma personagem plana, coadjuvante ou secundária.

A mãe de Aurélia, D. Emília, é uma personagem plana, coadjuvante ou secundária, descrita como uma mulher séria, correta, e de caráter. Viveu um casamento complicado com Pedro Camargo, por causa do sogro rígido, Lourenço Camargo. Com a morte do marido sem ter contato com a família dele, passou por maus momentos, até que faleceu.

O avô, Lourenço Camargo, era uma pessoa rude e rígida, que percebe a injustiça cometida com o filho e tenta ser justo e recompensar o passado da neta, deixando toda sua herança para a neta, Aurélia. Tem papel coadjuvante ou secundário e é uma personagem plana.

Tio de Aurélia, o Sr. Lemos, era um homem maduro, mas com muita jovialidade. Ele era confiante e alegre, tinha baixa estatura, era um pouco obeso, mas com grande tino para os negócios. Aceita ser tutor da Aurélia, porque acreditava que tinha mais a ganhar do que a perder – mas acaba sendo dominado pela sobrinha tutelada. É uma personagem plana, coadjuvante ou secundária.

Quanto ao seu círculo de amigos e ao seu amado, eles são:

A “mãe de encomenda” (Alencar, pág. 13) de Aurélia, D. Firmina Mascarenhas é uma personagem plana, coadjuvante ou secundária, uma viúva que fazia companhia a Aurélia nas festas e compras, após a protagonista enriquecer com a herança do avô.

Bom moço e amigo de Aurélia, Torquato Ribeiro sempre apoiou Aurélia nos momentos adversos, principalmente, enquanto ela era pobre. Ele acaba recebendo a retribuição de todo o suporte que deu a Aurélia, quando esta o ajuda a se casar com Adelaide, o grande amor dele. Tem papel coadjuvante ou secundário e é uma personagem plana.

A jovem Adelaide quase se casou com Fernando Seixas, quando o pai dela ofereceu um bom dote para o casamento deles. No entanto, Aurélia acaba sendo um “cupido” ao “comprar” Fernando Seixas com um dote maior, separando o casal que se casaria por conveniência financeira e ao contribuir para que a jovem Adelaide se case com Torquato Ribeiro, seu grande e verdadeiro amor. Tem papel coadjuvante ou secundário e é uma personagem plana.

5.4 – Aurélia Camargo e seu amado

Fernando Seixas é o grande amor de Aurélia. Um jovem fino, ambicioso, elegante e inteligente, é estudante de direito, tem uma vida familiar bem regrada, que se opõe ao que aparenta na sociedade. Gosta de andar bem vestido e tem hábitos caros, mas era atencioso e preocupado com suas irmãs, por isso fica em busca de um casamento que lhe ofereça um bom dote. Por fim, esta personagem apresenta um comportamento marcante, é do tipo redonda, imprevisível, contraditório e com um perfil complexo.

Enfim, Aurélia Camargo também é uma personagem com características pessoais e uma beleza física e marcantes, que acentuam sua personalidade firme e a levam a ser classificada como redonda, porque apresenta um complexo perfil feminino, com traços atitudes, algumas contradições e imprevisibilidade que são ímpares e surpreendem o leitor.

6 - Conclusão

O casamento acaba sendo o mais forte dos pontos de intercessão dos romances estudados, porque é sacramento cristão que impulsiona as personagens a tomarem decisões e agirem contraponto sentimento e razão, desejo e costume. Enquanto Aurélia Camargo era pobre,

precisava se casar para resolver sua condição e não ficar desamparada. Ao enriquecer, conseguiu atingir a condição de poder escolher seu companheiro, pensando apenas no amor e na realização. Já Elizabeth Bennet representava uma das chances para garantir o futuro da família com algum conforto e independência.

Desta forma, o casamento torna-se a única alternativa para que as duas protagonistas consigam superar as adversidades que a vida causou, porém, elas são sensatas e sabem que um casamento por conveniência não será capaz de garantir felicidade e satisfação, porque o amor parece ser a salvação de tudo e o único sentimento capaz de resolver e redimir todas as agruras que o destino está impondo a elas.

Como as protagonistas são personagens atuantes e articuladas, mostram-se como heroínas em uma sociedade patriarcal e tradicional, funcionando como peça-chave na manutenção da verossimilhança, bem como apoio e referência para os personagens, principalmente os familiares, que vivem ao seu redor.

Assim, todas as mudanças de percurso podem ser lidas, hoje, como denúncia e ao mesmo tempo esperança, porque, tanto Aurélia, acaba sendo capaz de repensar o casamento forjado com Fernando Seixas e buscar o resgate do antigo sentimento que uniu os dois no passado, quanto Elizabeth reavalia suas impressões a respeito de Mr. Darcy, compreendendo que a empáfia dele era um escudo contra vigaristas interesseiras e que por dentro do escudo esnobe há um homem belo e sensível. Desse modo elas conseguem manter sua força e feminilidade, criticar os costumes da época (ao amor, ao dote, ao casamento, ao patriarcalismo) e ainda manter as personagens masculinas apenas orbitando à sombra delas.

Com tal atitude, ocorre a vitória do ser humano, que tinha sido corrompido pelas imposições sociais de seu tempo, e a esperança na força da transformação, impulsionada pelo amor, fica evidente. Os sentimentos de ódio, vingança e despeito, aliados à angústia de um futuro financeiramente incerto, cedem lugar para a realização pessoal. Assim, tanto Aurélia resgata o casamento e o amor de Fernando Seixas, quanto Elizabeth conquista o coração de Mr Darcy e rompe com a barreira social que separava os dois

Por fim, este trabalho é mais uma contribuição para os estudos sobre a mulher e as representações femininas, com um olhar crítico a respeito da construção de protagonistas femininas fortes, firmes e atuantes, que fogem ao padrão e ao perfil das mulheres descritas nos romances do século XIX, seja na sociedade inglesa, seja na brasileira.

E é ainda um estudo que busca destacar as críticas feitas pelos autores Jane Austen e José de Alencar, em relação às práticas e aos costumes da sociedade e das relações socioeconômicas, afetivas e familiares típicas deste período histórico.

FONTES CONSULTADAS:

AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. São Paulo, Landmark, 1ª ed. (Edição Bilingue), 2008, (Tradução de Marcella Furtado)

ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: Ática. Série Bom Livro. 6ª Ed. 1975.

CANDIDO, Antonio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Decio de Almeida, GOMES, Paulo Emílio Sales. *A Personagem de Ficção*. Coleção Debates, 2a edição, São Paulo. Editora Perspectiva

FERREIRA, Carla Alexandra. *Jane Austen revisitada: além de histórias de amor e casamento*. In: 1 COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS e 4 COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 1, 2010, Maringá. *Jane Austen revisitada: além de história de amor e casamento*. Maringá: UEM-PL, 2010. p. 1-10. Disponível em: <<http://anais.cielli.com.br/ficha>> Acessado em 17/11/2013.

FORSTER, Edward M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre: Editora Globo, 1974

GILBERT, Sandra & SUSAN, Gubar. *The Madwoman in the attic: the woman writer and the Nineteenth-century literary imagination*. Boston: Yale University Press, 1984.

MESQUITA, Samira Nahid de. *O enredo*. São Paulo: Ática. 3ª Ed. 1994.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix. 9ª Ed. 1978.

RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2002.

SOUZA, Dignamara Pereira de Almeida. *Contexto da escrita de Jane Austen*. In Anais Eletrônicos do IV Seminário Nacional Literatura e Cultura. São Cristóvão/SE: GELIC/UFS, V. 4, 3 e 4 de maio de 2012. ISSN: 2175-4128. Disponível em <http://200.17.141.110/senalic/IV_senalic/textos_completos_IVSENALIC/TEXTO_IV_SENALIC_191.pdf>. Acessado em 17/11/2013.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA**, São Paulo, v. 21, n. spe, 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300012&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 17/11/2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502005000300012>.

ZARDINI, Adriana. O universo feminino nas obras de Jane Austen. *Revista Em Tese*, v. 17 n. 2. mai/ago 2011, Letras / UFMG Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Em%20Tese%2017/17-2/TEXTO%201%20ADRIANA.pdf>. Acessado em 17/11/2013.

WILSON, Jennifer Preston. **“One has got all the goodness, and the other all the appearance of it”**: The Development of Darcy in *Pride and Prejudice*. Jane Austen Society of North America. V.25, NO.1. Winter 2004. Disponível em: <<http://www.jasna.org/persuasions/on-line/vol25no1/wilson.html>>. Acessado em 17/11/2013.

WOOLF, Virginia. Jane Austen. In: WATT, Ian. *Jane Austen: A Collection of critical essays*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, INC., 1963.

_____. Um teto todo seu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. (Tradução de Vera Ribeiro)

<http://www.pemberley.com/janeinfo/ppdrmtis.html>